



Entrevista com Prof. Dr. Rodrigo Duarte¹



Sobre Rodrigo Duarte:

Rodrigo Duarte é graduado e mestre em Filosofia pela UFMG e doutor nessa disciplina pela Universidade de Kassel (Alemanha – 1990), com estágio pós-doutoral na Universidade da Califórnia em Berkeley (EUA – 1997). Antes de iniciar sua formação acadêmica e posteriormente se dedicar profissionalmente à filosofia estudou música com afinco – violão, com o renomado professor José Lucena Vaz – com alguma intenção de fazê-la o seu ofício. Foi professor visitante na Universidade Bauhaus de Weimar (Alemanha – 2000) e na Hochschule Mannheim (Alemanha – 2011) e, de 1990 a 2023, foi professor do Departamento de Filosofia da UFMG (a partir

¹ Entrevista realizada em outubro de 2023 por Rafael Cordeiro Silva, Ana Paula de Ávila Gomide, João Paulo Andrade Dias, Victor Hugo de Oliveira Saldanha e concedida a *Educação e Filosofia* para publicação no v. 37, n. 81, p. 1727-1740, set./dez. 2023, como parte integrante do *Dossiê Teoria Crítica 100 Anos* organizado por Prof. Dr. Rafael Cordeiro Silva, Prof. Dr^a. Ana Paula de Ávila Gomide e Prof. Dr. Sertório de Amorim e Silva Neto, e também publicado nesta mesma edição.

de 2006, professor titular). Atualmente é professor voluntário do PPG-Filosofia da UFMG. Foi presidente da Associação Brasileira de Estética (ABRE), de 2006 a 2014 e é atualmente presidente da International Association for Aesthetics (mandato até 2025). Foi Professor Residente no Instituto de Estudos Avançados Transdisciplinares (IEAT) da UFMG, de agosto de 2011 a julho de 2012, e Pró-Reitor de Pós-Graduação da UFMG de março de 2014 a fevereiro de 2016. Publicou, além de numerosos artigos e contribuições em coletâneas, no Brasil e no exterior, os seguintes livros: *Marx e a natureza em 'O capital'* (Loyola, 1986), *Mimesis e racionalidade* (Loyola, 1993), *Adornos. Nove ensaios sobre o filósofo frankfurtiano* (Ed. UFMG, 1997), *Adorno/Horkheimer & a Dialética do esclarecimento* (Jorge Zahar, 2002), *Teoria crítica da indústria cultural* (Ed. UFMG, 2003), *Dizer o que não se deixa dizer. Para uma filosofia da expressão* (Ed. Argos, 2008); *Deplatzierungen. Aufsätze zur Ästhetik und kritischen Theorie* (Max Stein Verlag, 2009; segunda edição: Springer Verlag, 2017), *Indústria Cultural: uma introdução* (Editora FGV, 2010), *A arte* (Martins Fontes, 2012), *Pós-história de Vilém Flusser: gênese-anatomia-desdobramentos* (Annablume, 2012), *Indústria cultural e meios de comunicação* (Martins Fontes, 2014) e *Varia Aesthetica* (Relicário, 2014).

A entrevista:

E&F - 1: Gostaríamos de iniciar essa entrevista perguntando sobre o seu processo de “descoberta” da Teoria Crítica. O seu mestrado foi sobre o conceito de natureza em Marx, um autor de cujas ideias a Teoria Crítica se alimentou profundamente. Porém, a grande maioria dos marxistas mais “ortodoxos” não nutre muitas simpatias pela Teoria Crítica. Como foi possível resolver essa suposta aporia, se é que se pode falar de uma aporia nesse caso?

Rodrigo Duarte: De fato, a minha dissertação de mestrado foi um estágio importante para a “descoberta” da Teoria Crítica por mim. Menos pela forma habitual de apropriação da obra de Marx, a qual frequentemente

leva a um tipo de ortodoxia, e mais porque, desde que comecei a estudar filosofia, eu tive, paralelamente, uma militância ambientalista. Isso, aliás, foi o que me levou a querer pesquisar o conceito de natureza em Marx e, a partir, daí, foi um pequeno passo até eu descobrir a existência da *Dialética do esclarecimento*, na qual a base marxista de Adorno e de Horkheimer se coaduna com uma preocupação “ecológica” implícita na crítica radical que esses autores fazem ao projeto burguês de dominação da natureza. Vale lembrar que, na minha formação acadêmica, o passo seguinte foi pesquisar o conceito de domínio da natureza na obra de Theodor Adorno, o qual originou a minha tese de doutorado, redigida em alemão e defendida na Universidade de Kassel, em 1990.

E&F - 2: Como você compreende/descreveria o processo de recepção da Teoria Crítica no Brasil e qual foi seu papel e atuação neste cenário? Desde a década de 1960, quando apareceram as primeiras traduções de livros de Herbert Marcuse no Brasil, essa teoria já se fez presente no nosso território. Como você mapearia hoje a Teoria Crítica no Brasil, em termos de seus pensadores? Há uma Teoria Crítica brasileira?

Rodrigo Duarte: É verdade que a recepção da Teoria Crítica no Brasil se iniciou ainda nos anos sessenta, sendo igualmente verdadeiro que o primeiro autor seu traduzido em nosso país foi Herbert Marcuse. Esse foi o estágio inicial da recepção dessa corrente de pensamento no Brasil e foi marcado por uma apropriação majoritariamente não acadêmica do autor, muito mais voltada para o projeto de renovação de uma esquerda que questionava os parâmetros, digamos, stalinistas dos agrupamentos marxistas mais tradicionais.

O segundo estágio se inicia, aproximadamente em meados da década de 1970 e é marcado pelas primeiras traduções da obra de Walter Benjamin, cujo pensamento estava sendo reapropriado pelos movimentos estudantis europeus, principalmente alemães e franceses, e chegou ao Brasil, provavelmente via Estados Unidos, na esteira de debates sobre o pós-

modernismo. Vale ressaltar que esse segundo estágio da recepção da Teoria Crítica da Sociedade nessas paragens já adquiriu um perfil bem mais acadêmico, embora inicialmente restrito a algumas áreas das humanidades (notadamente a área de Letras, que, muito rapidamente encampou, no Brasil, os chamados “estudos culturais”, de origem anglo-saxônica).

O terceiro estágio da recepção em tela, começa a acontecer no início da década de 1990 e é marcado por um grande interesse pela obra de Adorno. É fato que, a tradução da *Dialética do esclarecimento*, por Guido Almeida, foi publicada em 1984; além disso, já havia desde o início da década de setenta, a tradução da *Filosofia da nova música* e, um pouco depois, de vários opúsculos de Adorno, publicados em coletâneas como a do Gabriel Cohn. Mas a partir de 1990, coincidindo com o meu retorno da Alemanha e o início de minhas atividades como professor do Departamento de Filosofia da UFMG, começou a haver um *boom* de interesse pela obra de Adorno, o qual gerou uma série de dissertações e teses de doutorado (várias delas orientadas por mim), especialmente nas áreas de filosofia e de educação. Esse crescimento no interesse pelos textos de Adorno se somou ao que existia no tocante à obra de Benjamin e de Marcuse (esse último agora com um caráter mais acadêmico) e ensejou o início de uma série de traduções para o português dos textos principais dos autores da Teoria Crítica (incluindo, naturalmente, Max Horkheimer — o verdadeiro idealizador dessa corrente de pensamento). Registra-se que, ao longo desse período, cresceu muito o número de textos acadêmicos (artigos, livros e capítulos de livro) originalmente escritos em português (e publicados no Brasil).

Por último, vale registrar que, independentemente de podermos dizer que haja uma versão genuinamente brasileira da Teoria Crítica, é fato que ela é praticada entre nós com um sotaque próprio e a sua pujança é evidente e amplamente reconhecida por colegas de vários países. Eu não excluo, por outro lado, a possibilidade de vir a existir uma Teoria Crítica genuinamente brasileira, na medida em que os pesquisadores e estudantes interessados nessa corrente, em primeiro lugar, voltem os seus estudos para temas especificamente nacionais. E, em segundo lugar, se aprofundem nos

autores brasileiros especializados em Teoria Crítica, os quais já foram responsáveis pela constituição de um repertório considerável.

E&F - 3: Quais seriam os desafios para a Teoria Crítica, hoje, para lançar luz sobre o nosso momento histórico de recrudescimento do autoritarismo no Brasil, que se encontra alinhado a um movimento internacional de extrema-direita? Os conceitos e temas estudados pelos autores da primeira geração poderiam ser retomados e reatualizados para a análise das contradições e fenômenos sociais produzidos pelo atual estágio do capitalismo financeirizado? A posição do Brasil no capitalismo global lhe sugere alguma refração ou ajuste nos conceitos da primeira geração da Teoria Crítica?

Rodrigo Duarte: De fato, a Teoria Crítica se mostra agora com mais atualidade do que nunca, não apenas no Brasil, mas em todo o mundo. No que diz respeito ao autoritarismo, as formulações primeiramente estabelecidas na década de 1930 (“Estudos sobre autoridade e família”), na Alemanha, e continuadas nos Estados Unidos na década de 1940 (“A personalidade autoritária”), as quais foram retomadas por Adorno até a sua morte em 1969, continuam a servir de base para a compreensão desse fenômeno até os dias de hoje e em todos os lugares do mundo, nos quais ele se manifesta.

Vale lembrar que também em obras filosóficas mais gerais, como a *Dialética do esclarecimento*, por exemplo, no capítulo intitulado “Elementos do antissemitismo”, encontram-se fundamentos teóricos sólidos para a compreensão do que hoje se tem denominado de distorção cognitiva em massa — responsável pela crença, por parte de amplas camadas da população, em absurdos que levam a eleição de canalhas fascistas em várias partes do mundo (e a nossa experiência, no Brasil, desse teor foi especialmente cruel...).

Parece-me que a Teoria Crítica tem hoje na generalizada simbiose entre o neoliberalismo econômico e o autoritarismo político (algo que, no passado, era exceção) um tema muito candente para ser abordado e o Brasil é um campo muito fértil para uma análise desse tipo. Por outro lado — e de modo estreitamente conexo ao que se disse acima —, pode-se dizer que, também no que concerne à análise crítica e interpretativa da indústria cultural, a Teoria Crítica se mostra mais atual do que nunca. Vale recordar, no entanto, que, tanto no Brasil quanto alhures, a crítica “clássica” à indústria cultural deve ser atualizada à luz das grandes transformações tecnológicas (principalmente a digitalização dos *media*) e geopolíticas (o fim da guerra fria, com o consequente advento da globalização em suas diversas fases). Esse esforço tem sido feito por teóricos críticos de vários países e eu mesmo propus a denominação de “indústria cultural 2.0” para o modelo renovado de cultura de massas que emergiu a partir dos referidos acontecimentos.

E&F - 4: Correlata à questão anterior, seria possível identificar algum pensador ligado à Teoria Crítica que avança na discussão sobre a situação do capitalismo financeirizado e, ao mesmo tempo, discute possibilidades de mudança social – uma preocupação forte dos teóricos da primeira geração do Instituto de Pesquisa Social? Caberia aqui a referência a Habermas, Honeth, Türcke, Fraser, Rahel Jaeggi e outros? Ou haveria alguém a se destacar que não esses ou além desses?

Rodrigo Duarte: Na minha opinião, Habermas foi um pensador que, tendo sido muito próximo de Adorno no início de sua carreira (inclusive tendo sido seu assistente), se afastou muito do impulso inicial da Teoria Crítica e, no bojo de sua maior contribuição filosófica — a “Teoria da ação comunicativa” — se encontra como um pensamento político muito próximo do liberalismo (nem sequer da social-democracia). Desse modo, penso que

ele não pode ser incluído dentre os herdeiros da Teoria Crítica no sentido estrito.

Dos nomes mencionados, em que pese a tendência de Honneth a promover uma aproximação entre Habermas e a geração “clássica” da Teoria Crítica, penso que não há muita novidade em seu pensamento. Dentre os outros nomes aludidos eu, em termos muito pessoais, vejo na obra do Christoph Türcke uma combinação de muitas das qualidades encontráveis no pensamento dos quatro “clássicos” da Teoria Crítica (Horkheimer, Benjamin, Marcuse e Adorno) e uma atenção especial aos mencionados acontecimentos culturais, sociais e políticos que justificam uma atualização dessa vertente de pensamento. Além disso, a sua proximidade com o ambiente intelectual brasileiro é um fator a mais de pertinência e de inspiração para o desenvolvimento da Teoria Crítica no Brasil.

E&F - 5: O problema da emancipação (suas aporias e limitações dentro da contemporaneidade) mobilizou os autores da Teoria Crítica nas suas análises acerca do desenvolvimento histórico do capitalismo liberal para o da era dos monopólios, da indústria cultural como manipulação das massas, dentre outros temas relacionados a campos diversos de investigação, em que pese as diferenças e especificidades entre tais autores. Como você analisa o problema da emancipação hoje, diante de forças cada vez mais regressivas espalhadas pelo todo social, no qual a educação tem sido cada vez mais encampada pelos objetivos do mercado, em que a política e a economia têm sido tomadas, em dimensões cada vez mais complexas, pelo poder de grandes oligopólios para atender seus objetivos de lucro, e quando presenciamos a invasão maciça na vida privada de conteúdos irracionais divulgados pelas tecnologias de informação e publicidade, tais como as *fake News* utilizadas como formas de propaganda política?

Rodrigo Duarte: Certamente, o cenário atual é desafiador e demanda um refinamento das ferramentas teóricas da Teoria Crítica para

abordar e compreender o que está acontecendo no mundo. E o que caracteriza essa corrente de pensamento, em que pese a sua característica de aguda negatividade em relação ao existente, é exatamente uma certa confiança na possibilidade de que o núcleo da calamidade que afeta toda realidade hoje possa ser revertido.

Nesse sentido, vale a pena lembrar uma passagem da *Dialética negativa*, na qual Adorno afirma que o que bloqueia a utopia não se encontra na realidade, mas na possibilidade. Isso significa que a utopia só pode ser posta totalmente fora de cena se se nega peremptoriamente a possibilidade de que as coisas possam entrar nos eixos. A realidade se encontra fora desse cálculo. Por outro lado, eu penso que o chamado “impulso emancipatório” da Teoria Crítica tem a sua base numa passagem do texto seminal dessa vertente, “Teoria tradicional e teoria crítica”, de Max Horkheimer. Num trecho eloquente desse opúsculo, o autor afirma que, se se observa atentamente a realidade contemporânea, não é difícil perceber que, de um lado se encontram as engrenagens de um maquinário que funciona incessante e implacavelmente no sentido de se reproduzir, em detrimento de tudo e de todos. Horkheimer afirma que esse é o mundo do capital. Por outro lado, a mesma observação atenta descortina uma situação em que pessoas de carne e osso, lutam para sobreviver, se solidarizam com os/as companheiros/as de infortúnio, amam e vislumbram a possibilidade de uma humanidade reconciliada. Horkheimer declara que esse é o mundo do trabalho, que existe, portanto, numa simetria total em relação ao mundo do capital. Qualquer pessoa e, por extensão, qualquer teoria (que é feita por pessoas), consciente ou inconscientemente faz a sua opção por um dos dois mundos, o do capital, coisificado e tendente a uma eterna autorreprodução, ou o do trabalho, humano e promissor de alguma felicidade. A Teoria Crítica é uma opção consciente pela tradução, em conceitos, de tudo que se encontra relacionado com a opção pelo mundo humano, do trabalho.

A minha interpretação aponta para acontecimentos recentes no Brasil, associados à eleição de Lula para a presidência do país. Certamente, o neofascismo corporificado por Bolsonaro é a vertente política que melhor representa o mundo do capital, hoje, de acordo com a observação de

Horkheimer. Já a coalizão que, contra uma poderosa máquina de compra de votos, *fake news* e todos os outros recursos ilícitos empregados na campanha, assim mesmo saiu vitoriosa, aponta para o mundo do trabalho, tal como o mesmo Horkheimer identificou. Vale lembrar que esse mundo, hoje, corporifica como nunca a luta antirracista, antimachista, ambientalista, anti-LGBTQIA+fobia etc. Esse fato concreto se coaduna com o que eu sugeri acima: não há, na própria realidade qualquer elemento que desminta a possibilidade de que as forças da humanidade triunfem sobre as do capital. Por outro lado, há que se ficar atento, pois essas últimas sempre surpreendem com novos métodos de reificação das consciências e novas formas de opressão, inclusive física.

E&F - 6: Vamos trazer a discussão para o campo da estética e da relação entre arte e sociedade, um domínio em que você se sente, com certeza, muito mais confortável. Em 1945¹, Marcuse indagava-se se a criação estética poderia preservar a sua “força alienadora” (*i.e.*, seu poder de permanecer antagônica e transcendente à normalidade e, ao mesmo tempo, ser o reservatório das necessidades, faculdades e desejos reprimidos dos indivíduos) numa época em que a cultura monopolista de massas parecia assimilar ou padronizar todos os conteúdos e expressões culturais. Hoje, em 2022, seria muito difícil negar que “o encanto da assimilação e padronização totais” – que Marcuse já observava em 1945 – só fez recrudescer em força e abrangência: as criações audiovisuais subordinam-se à lógica dos monopólios de *streaming*; a sensibilidade, ao universo imagético-discursivo empobrecido das redes sociais, que hoje mediam todas as formas relevantes de sociabilidade; e a consciência, ao controle algorítmico de todos os conteúdos. Neste contexto histórico-social, em que grassa uma padronização cultural que Marcuse jamais teria podido imaginar na década de 1940, ainda faz sentido para a Teoria Crítica postular uma “força

¹ MARCUSE, Herbert. Algumas considerações sobre Aragon: arte e política na era totalitária. In: MARCUSE, H. *Tecnologia, guerra e fascismo*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999. p. 267-288.

alienadora” para a imagem, o tom, a rima etc.? Não teriam sido essas expressões estéticas capturadas, de uma vez por todas, pelos mecanismos unidimensionalizantes da cultura de massas do século XXI? Ou lhe parece que o nosso século, apesar do refinamento dos instrumentos de controle e padronização culturais, também produziu novos terrenos em que a “força alienadora” da arte possa medrar?

Rodrigo Duarte: Talvez a situação tenha se complexificado desde a publicação da *Teoria estética*, de Adorno, e de sua recepção nos textos mencionados de Marcuse. A ideia, subjacente às obras, consideradas “autênticas”, é de que a “grande arte” constitua um depósito encapsulado dos valores humanos mais sublimes, mesmo numa situação em que a barbárie, por vezes, ameace triunfar definitivamente. Eu, pessoalmente, acho que ainda existe espaço para uma concepção desse tipo, mas com uma validade provavelmente mais limitada, diante do crescimento avassalador da presença das mercadorias culturais, desprovidas de qualquer negatividade. Isso porque a arte mais complexa e sofisticada, por uma série de razões, tem a sua recepção tendente a se circunscrever a um grupo relativamente pequeno de possíveis entendedores, o que a condena a um tipo de inocuidade no sentido político.

Ainda que, no mundo inteiro, os sistemas educacionais públicos evoluíssem ao ponto de que um número sensivelmente maior de pessoas cumprisse os requisitos culturais para compreender as artes mais sofisticadas (inclusive as de vanguarda), talvez demorasse um século para que o isolamento político da arte mais complexa fosse rompido. Penso que, quanto a isso, é possível pensar numa espécie de “atalho”, mediante o qual as manifestações estéticas cumprissem um papel político libertador, emancipador. Nesse sentido, propus, em meados da década de 2000 um conceito alternativo ao do da grande arte burguesa (principal referência de Adorno), ao qual denominei “construto estético-social”. Ele designa fenômenos sinestésicos oriundos das periferias de todo o mundo, nos quais há uma negatividade no sentido sociopolítico — uma confrontação direta

com os produtos da indústria cultural contemporânea — sem que a negatividade plena no sentido estético tenha sido atingida e consolidada.

Num primeiro momento, identifiquei no movimento Hip Hop mais ideológico a corporificação mais completa desses construtos estético-sociais. Mas, atento aos fenômenos culturais mais recentes, eu poderia dizer que muitos criadores atuais desses construtos se aproximam cada vez mais de um diálogo com a vanguarda artística de origem europeia, retraduzida em termos dos recursos disponíveis nas periferias das grandes cidades. Não estou falando no vazio: posso dar exemplos de bairros marginalizados da região metropolitana de Belo Horizonte que têm produzido experiências interessantíssimas de diálogo entre manifestações estéticas periféricas e a arte vanguardista europeia. No cinema alternativo há a “Escola de Contagem” (representada, pela produtora “Filmes de plástico”, por exemplo) e, nas artes plásticas, o caso mais eloquente é o de Paulo Nazareth, que, como artista periférico que construir uma carreira na arte “oficial” com obras que remetem à indigência das grandes cidades da América Latina, foi convidado a participar da Bienal de Veneza. Depois disso, instituiu a sua própria bienal no Bairro Veneza, na periferia de um dos municípios mais pobres da grande BH. Nessa bienal, prioridade é dada aos artistas locais que proponham diálogos entre a arte periférica e a arte de vanguarda, semelhantes aos propostos pelo próprio Nazareth (uma interessante entrevista com o artista pode ser encontrada em: <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/bienal-de-veneza-em-ribeirao-das-neves> — acesso em 20/02/23). Fenômenos similares podem ser encontrados nas periferias de muitas cidades, mundo afora, o que sugere que a ideia de que a grande arte burguesa seria a única depositária, em termos estéticos, dos valores humanos mais essenciais, como defendia Adorno, vale hoje muito mais limitadamente do que ocorria há algumas décadas.

E&F - 7: Em 1967, ao discursar para os estudantes que se manifestavam nos Estados Unidos contra a Guerra do Vietnã, Marcuse

afirmou que a arte ainda tinha muito a dizer sobre o que estava acontecendo no mundo. As posições de 1945 parecem distanciar-se destas de 1967, apresentadas em “A arte na sociedade unidimensional”. No cenário hodierno, Marcuse ainda teria razão? Em outros termos, a arte ainda tem algo a dizer sobre a situação política nacional e internacional? Que tipo de arte?

Rodrigo Duarte: Penso que a arte autêntica sempre tem muito a dizer sobre a situação do mundo e, como eu disse acima, o único problema é a sua condenação a ser efetivamente compreendida por círculos sociais muito restritos (e, talvez, cada vez mais restritos devido ao efeito da indústria cultural). É por isso que o conceito de “construto estético-social” me parece cada vez mais relevante, na medida em que ele, sem abrir mão de certo “estranhamento”, característico da arte de vanguarda, evoca uma proximidade com parcelas amplas da população, tendo em vista a sua origem nas próprias situações periféricas em que elas residem. Esse é um caminho no qual eu acredito bastante e é uma seara em que o Brasil pode dar contribuições importantes (e efetivamente já tem dado).

E&F - 8: Dada sua formação musical e, mais do que isso, seus pressupostos teóricos, Adorno foi muito seletivo quando se tratou de considerar as possibilidades da estética como linguagem de expressão e de crítica social. Marcuse foi bem menos seletivo. Haveria em Adorno certa insistência no conceito de forma, enquanto Marcuse relativiza essa exigência ao se referir inclusive a músicas de protesto com estrutura pop. O que dizer hoje, quando se pensa as relações entre arte e sociedade sob o crivo da Teoria Crítica? Ainda mais, você enxerga alguma fecundidade em conceitos tardios da estética de Adorno para pensar a arte contemporânea, por exemplo o conceito de imbricação (*Verfransung*) ou ainda a noção de estilo tardio (*Spätstil*)?

Rodrigo Duarte: De fato, o posicionamento estético-político de Adorno refletiu a sua formação artística e cultural estritamente europeia, cujo fulcro são os aspectos formais das obras, carecendo totalmente de sensibilidade para fenômenos estéticos não ocidentais: para ele a cultura estadunidense já era excessivamente “selvagem” (provavelmente em virtude da avassaladora absorção de elementos afro-americanos pela indústria cultural). Embora Adorno tenha residido nos Estados Unidos por mais de dez anos (1938-49), ele nunca se identificou completamente com o *american way of life* e aproveitou a primeira oportunidade que teve de retornar à Alemanha, ainda muito destruída pela Segunda Guerra Mundial. A situação de Marcuse foi bem diferente: ele realmente escolheu permanecer nos Estados Unidos, mesmo depois da vitória dos aliados sobre o nazismo, e acabou desenvolvendo uma sensibilidade específica para fenômenos estéticos que, mesmo não apresentando elaboração formal “de ponta”, puderam adquirir significado por sua relevância ético-política, sem deixarem de fazer apelo aos sentidos num modo semelhante ao da arte.

Exatamente por isso, penso que, hoje em dia, deve-se pensar mais em termos das relações entre fenômenos estéticos (em vez de obras de arte, que é um conceito restritivo) e sociedade. Minha contribuição, nesse sentido, foi a elaboração de conceitos como o supramencionado de “construtos estéticos-sociais”, além de outros como o de “estetosfera” e, mais recentemente, o de “modos de presença nos fenômenos estéticos”.

Quanto aos mencionados “conceitos tardios da estética de Adorno”, penso que o de “estilo tardio” talvez tenha uma validade mais limitada e tenda a se restringir a um acerto de contas interno ao pensamento do filósofo. Já o conceito de “imbricação” (que traduzi posteriormente como “enlaçamento”, para acompanhar a metáfora têxtil da tradução para outros idiomas), me parece que tem um significado maior para a estética contemporânea, pois significa uma atualização, por parte de Adorno, no sentido de compreender fenômenos de hibridismos entre os diversos *métiers* artísticos — algo que o seu conceito anterior de “pseudomorfose” interditava quase totalmente. Vale registrar, no entanto, que o impacto da imbricação/enlaçamento na concepção adorniana sobre as relações

arte/sociedade é muitíssimo limitado, uma vez que a primazia do elemento formal continua valendo mesmo nos construtos artísticos mais híbridos.

E&F - 9: Você teria alguma coisa a dizer sobre Teoria Crítica e pensamento latino-americano? Ao fazermos essa pergunta, temos em mente esforços de pensadores como, por exemplo, Stefan Gandler, professor alemão radicado no México e que tenta desenvolver a Teoria Crítica em conexão com o pensamento da América Latina.

Rodrigo Duarte: Penso que o que eu disse acerca da possibilidade de uma Teoria Crítica genuinamente brasileira vale também para vários países da América Latina, como a Argentina, o Chile, a Colômbia, o México, o Peru, e o Uruguai, dentre outros (a lista não é exaustiva, dizendo respeito a realidades sobre as quais tenho mais notícias). Na medida em que os estudiosos dessa vertente na região tanto voltem os seus olhos para questões nacionais específicas quanto se valham, para isso, das contribuições já existentes nesses países, com o passar do tempo vai se consolidando uma Teoria Crítica mais enraizada na realidade desses países e, portanto, merecedora de adjetivos pátrios (ou macrorregionais, como seria o caso de uma “Teoria Crítica Latino-Americana”).

Temos de ter clareza que a posição de Stefan Gandler é a de um alemão, que tendo estudado e se doutorado na Alemanha, com uma tese sobre o pensamento político mexicano, orientada por Alfred Schmidt, ainda não pode ser considerada produto de um modelo de Teoria Crítica genuinamente latino-americana, ainda que ele tenha se radicado no México e realize um trabalho importante de divulgação dessa corrente de pensamento em nosso continente.

O ponto positivo dessa situação é que, tendo em vista a circunscrição, por parte dos teóricos críticos do hemisfério norte, de suas preocupações teóricas e políticas a seus continentes de origem, certamente é louvável o projeto de Gandler de tentar aproximar a Teoria Crítica

européia de pensamentos políticos como os de Echeverría e de Sanches Vasquez. Mas nesse programa ainda falta, a meu ver, muito para que se possa falar de uma Teoria Crítica autenticamente latino-americana.

Entrevistadores:

Rafael Cordeiro Silva *

Ana Paula de Ávila Gomide **

João Paulo Andrade Dias ***

Victor Hugo de Oliveira Saldanha ****

* Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor Titular do Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: rcsilva@ufu.br Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0797656459749176>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1580-7283>

** Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP). Professora Associada da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: anapag2@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3745695265266949>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6042-3572>

*** Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Doutorando em Filosofia na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Pesquisador em Unicamp. E-mail: jpandradedias@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8426495328593431>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9773-8989>.

**** Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Doutorado em Andamento em Filosofia na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Bolsista CAPES. Professor da Educação básica pela Escola Estadual Ignácio Paes Leme. victor.totustuusmariae@gmail.com. ID Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2614299509194339> ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9075-6028>